

Variações linguísticas: concordância nominal de número

Linguistic variations: nominal number agreement

Jéssica Rodrigues de Magalhães

Graduanda em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).
E-mail: jessica-rodriques-letras@hotmail.com

Letícia Cristina Gonçalves da Silva

Graduanda em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).
E-mail: ticinhacris2@hotmail.com

Maíra Cristina Passos Ferreira

Graduanda em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).
E-mail: mairatwo@hotmail.com

Simone Alves da Mota Lage

Graduanda em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).
E-mail: symonenega@hotmail.com

Resumo: Neste estudo, apresentam-se resultados obtidos a partir da análise de relatos orais de falantes do município de Patos de Minas/MG e região, com os quais se priorizou o estudo da concordância do sintagma nominal na linguagem oral dos relatores. Assim, foi possível perceber que a língua portuguesa se manifesta de várias maneiras, atendendo às situações e às necessidades da sociedade.

Palavras-chave: Sociolinguística. Marcação do plural. Preconceito linguístico. Concordância nominal.

Abstract: In this study, we present results obtained from the analysis of oral reports of speakers in the city of Patos de Minas / MG and region, with which it has prioritized the study of concordance of the noun phrase in oral language of the informers. Thus, it was possible to notice that the Portuguese language is manifested in many ways, given the situation and the society needs.

Keywords: Sociolinguistics. Plural Marking. Language Prejudice. Nominal agreement.

1 Introdução

A sociolinguística é o estudo da relação entre a língua e a sociedade, observando os aspectos extralinguísticos que afetam o modo de comunicar de um determinado grupo de pessoas, que compartilham as mesmas informações linguísticas, para uma comunicação mais rápida e eficaz, o que se denomina *comunidade de fala*.

São características dessas comunidades as variações linguísticas, que são diversas maneiras de se tratar de um mesmo assunto sem modificar seu sentido. Essas

variações são condicionadas por vários fatores, como nível de escolaridade, faixa etária, classe social, sexo, região e grau de formalidade.

Focando a variável nível de escolaridade, este artigo tem como tema principal a concordância nominal em relação ao número. Esse tema é bem discutido entre os linguistas e pesquisadores da área da sociolinguística, que tem como objetivo observar as variações da língua portuguesa brasileira e os fatores que contribuem para que haja essas modificações na maneira de falar dos indivíduos.

Embasando-se em pesquisas bibliográficas e em relatos, pôde-se observar como a marcação do plural acontece de fato na fala de moradores de Patos de Minas e região. Nesse *corpus*, foi possível encontrar diversas formas de pluralizar os sintagmas nominais, algumas obedecendo à regra geral da gramática normativa e outras usando o plural de forma menos redundante, em alguns ou em apenas um elemento do sintagma.

Essas variações que não obedecem ao que é prescrito pela gramática normativa geram o preconceito linguístico que, assim como todo e qualquer tipo de preconceito, é uma maneira de discriminação e exclusão. Isso acontece devido ao pensamento equivocado da sociedade em achar que língua é o mesmo que gramática normativa. Bagno (2007) exemplifica de forma bastante clara em seu livro *Preconceito linguístico*, que a gramática normativa é apenas um dos usos da língua e, esta, sendo viva, admite transformações, variações e adequações de acordo com as necessidades dos falantes.

Partindo da ideia de que as variações linguísticas podem desenvolver esse preconceito, apesar de serem inerentes e inevitáveis em uma língua, este trabalho se sustenta no objetivo de analisar as maneiras como é feita a concordância nominal de número nas falas dos moradores de Patos de Minas e região.

Apoiando-se em conclusões de outros pesquisadores, como Carvalho (1997) e Scherre (1996, *apud* MIRANDA, 2013), a presente pesquisa amparou-se em três hipóteses referentes à marcação do plural nos sintagmas. A primeira é que essa marcação aconteceria em todos os elementos do sintagma, a segunda é que aconteceria em apenas alguns elementos e a terceira é que aconteceria em apenas um elemento. Essas hipóteses de variáveis aconteceriam por influência do nível de escolaridade do falante, sendo que quanto maior o nível, maior o índice de marcação de plural nos sintagmas.

Em consequência desse objetivo, o estudo justifica-se em levar essas informações ao leitor para que ele adquira um conhecimento sobre o assunto e, possivelmente, minimize a ocorrência do preconceito linguístico entre os indivíduos inseridos em comunidades de fala distintas dentro da sociedade brasileira.

2 Revisão da literatura

2.1 Sociolinguística

Toda comunidade necessita de uma língua para que haja uma interação entre os indivíduos e para que possam efetivar a representação de todas as situações sociais, culturais, políticas e religiosas. Segundo Viotti (2008), todo indivíduo nasce propenso a desenvolver uma língua, o que Chomsky chama de competência, e, a partir disso, cada

um desenvolve, individualmente, uma maneira de utilizar a língua, chamada de desempenho.

A sociolinguística parte dessa dicotomia (competência/desempenho) e estuda a língua em seu funcionamento numa determinada sociedade. Assim, quanto ao conceito de sociolinguística, Cezario e Votre (2009, p. 141) afirmam que

é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente de contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Segundo Labov (2008 [1972]), por meio da sua “teoria da variação”, um dos objetivos da sociolinguística é entender os fatores externos que levam à ocorrência da variação linguística para a formação de um quadro de variantes, e, a partir disso, possibilitar a análise da estabilidade do fenômeno e da frequência com que as variantes ocorrem.

De acordo com Votre e Cezario (2009), além desse objetivo, a sociolinguística tenta mostrar aos professores uma visão menos preconceituosa em relação a essas variantes, que ocorrem, principalmente, devido à classe social e à escolaridade, não se referindo a essas variações como erradas, inferiores e inaceitáveis, e sim como maneiras diferentes de executar a língua.

2.2 Variação linguística e pesquisa sociolinguística

Segundo Bagno (2007), é incoerente dizer que o português é uma língua única e homogênea no Brasil, pois, apesar de falarmos a mesma língua, ela tem um alto grau de diversidade e de variabilidade.

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (p. 15)

Segundo Silva (s.d.), “em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Às formas linguísticas em variação dá-se o nome de variantes, que são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”.

Tarallo (1985, p. 62) salienta que “cada comunidade de fala é única, cada falante é um caso individual. A partir do estudo de várias comunidades, no entanto, é possível chegar a um macrossistema de variação”. Esse estudo é realizado através de uma pesquisa sociolinguística.

De acordo com Santos e Santana (s. d.), a pesquisa sociolinguística parte de um modelo laboviano, na qual os sociolinguistas coletam os dados por intermédio de gravações de situações reais e cotidianas de comunicação, em que os informantes são solicitados a narrar experiências pessoais para que haja um envolvimento emocional. Assim, é possível minimizar o efeito negativo da presença do pesquisador para que a fala aconteça da forma mais espontânea possível. Dessa forma, seu objetivo é identificar a variação a ser trabalhada e a ocorrência de suas variantes, analisando todos os fatores que influenciam essas diversidades.

2.3 *Concordância nominal*

Segundo Oliveira, Santos e Soledade (s.d.), no português brasileiro contemporâneo, é possível perceber três maneiras diferentes de concordância nominal em relação ao número. A primeira é de acordo com as regras da gramática normativa, em que a concordância é feita em todos os elementos do sintagma nominal da frase, como, por exemplo: *“com os meus tios queridos”* e *“todos aqueles estudantes”*.

A segunda variação ocorre quando apenas alguns elementos do sintagma nominal têm a marcação do plural, como, por exemplo: *“os meus tio querido”* e *“todos aqueles estudante”*. E, por fim, a terceira variação é quando apenas um elemento do sintagma nominal flexiona para o plural, geralmente no primeiro componente, como, por exemplo: *“os meu tio querido”* e *“todos aquele estudante”*.

Mesmo ocorrendo essas três variações no caso da marcação do plural no Brasil, a variante do primeiro caso é considerada pela sociedade como padrão, conservadora e de prestígio; por outro lado, as variantes do segundo e terceiro casos são não-padrão, inovadoras e estigmatizadas (TARALLO, 1985).

3 *Metodologia*

A metodologia é o caminho a ser adotado para alcançar os objetivos propostos em um projeto, conforme afirma Gil (2002). Este estudo analisa o fenômeno da concordância nominal de número na maneira de falar de moradores do município de Patos de Minas e região. Para a sua realização, empregou-se pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica sustentou-se em livros e artigos acadêmicos, e foi embasada em autores como Bagno (2007), Labov (2008 [1972]), Scherre (1996) *apud* Miranda (2013), Tarallo (1985), entre outros. Já a pesquisa de campo apoiou-se em 17 gravações de entrevistas com duração de três a sete minutos cada uma, em que os informantes foram estimulados a fazer um relato em que contam a história da localidade em que vivem. Em seguida, as entrevistas foram transcritas.

Os informantes se encontram na faixa etária de 62 a 95 e possuem nível de escolaridade que oscila entre ensino fundamental incompleto ao ensino superior. Com o intuito de preservar a identidade deles, eles foram designados com o seguinte código: B1, B2, B3, B4, C1, C2, C3, C4, D1, D2, D3, E1, F1, F2, F3, G1 e G2,

As ocorrências do fenômeno estudado, a marcação do plural nos sintagmas nominais, foram identificadas, quantificadas e apresentadas em gráficos.

4 Resultado e discussão

Após analisar os 17 relatos coletados, foi possível confirmar as hipóteses sobre a variável concordância nominal quanto ao número, formuladas no início da pesquisa: a influência do fator extralinguístico nível de escolaridade e as variantes da marcação do plural, sendo elas em todos os elementos, em alguns ou em apenas um. A tabela abaixo exemplifica os resultados da pesquisa:

TABELA 1: Porcentagem da marcação do plural, menos padrão e mais padrão, nos sintagmas em relação ao nível de escolaridade

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	OCORRÊNCIA DA MARCAÇÃO DO PLURAL NOS SINTAGMAS	
	Menos padrão	Mais padrão
Primário	72,6%	27,4%
Ensino Fundamental	46,7%	53,3%
Ensino Médio	25,0%	75,0%
Superior	8,0%	92,0%

FONTE: dados coletados pelos pesquisadores

Como se pode observar na tabela 1, dos sintagmas analisados das falas de pessoas que cursaram apenas até o antigo primário, 72,6% foram considerados menos padrão, dos que cursaram até o ensino fundamental, o índice foi de 46,7%, até o ensino médio 25% e até o ensino superior a ocorrência foi de apenas 8%. Foram consideradas menos padrão as falas em que as marcações do plural são variantes da regra geral.

Considerando como mais padrão as falas em que a marcação do plural atende à regra gramatical normativa, o índice de ocorrência desses sintagmas nos falantes que cursaram até o antigo primário foi de 27,4%, até o ensino fundamental 53,3%, até o ensino médio 75% e até o ensino superior 92%.

A partir dessa análise, é confirmado o fato que propicia o surgimento das variações linguísticas: o grau de escolaridade do indivíduo influencia na utilização do plural dos sintagmas nas falas dos brasileiros. Quanto menor sua escolaridade, maior é o índice de ocorrência de falas consideradas menos padrão e estigmatizadas.

Essa também é uma conclusão de Carvalho (1997) em sua dissertação de mestrado embasada nas ideias de Scherre (1966) e de Andrade (2003, *apud* MIRANDA, 2013). Após a análise de seus *corpora*, eles concluíram que a quantidade de sintagmas pluralizados recorrentes nos relatos aumenta proporcionalmente com o grau de escolaridade.

Ao analisar os sintagmas considerados mais padrão, confirmou-se a primeira hipótese: a marcação do plural, obedecendo à regra gramatical normativa, ocorre em todos os elementos do sintagma, como nos seguintes exemplos:

- “três vezes”, “meus pais”, “dez horas” (Relato B1)
- “nas coisas valiosas”, “muitas coisas boas”, “todas as pessoas”, “os nossos sonhos”, “alguns dos meus irmãos” (Relato C4)
- “meus pais era rígidos”, “os irmãos”, “uns namorados” (Relato G2)

Ao analisar os sintagmas considerados menos padrão, pode-se confirmar mais duas hipóteses. A primeira é que a marcação do plural ocorre apenas no primeiro elemento, sendo ele o determinante, como nos exemplos abaixo:

- “dos boiadero”, “uns ramo”, “das lavoura” e “os carro” (Relato B2)
- “us brinquedu diferente” e “as veiz” (Relato B3)
- “os milagre”, “os filho” e “uns tempo” (Relato B4)
- “as família”, “meus menino”, “os homi” e “pelas felicidade” (Relato C2)

A segunda é que a marcação do plural ocorre em mais de um elemento do sintagma, como nos exemplos abaixo:

- “as minhas irmã” (Relato B4)
- “cuns meus colega” (Relato C2)
- “as moças pobre” (Relato E1)
- “todas as moça” (Relato F3)

Pode-se observar que, em três dos quatro exemplos acima, há a marcação de plural em mais de um elemento porque há mais de um determinante na frase. No outro exemplo, os elementos pluralizados são o determinante e o substantivo (“as moças pobre”).

Isso também foi concluído por Scherre (1996, *apud* MIRANDA, 2013), que salienta que a posição linear, ou seja, a ordem em que os elementos aparecem dentro do sintagma, é importante na pluralização, sendo os elementos antepostos aos elementos nucleares, independentemente de sua classe gramatical, mais marcados do que os elementos pospostos.

Nesse mesmo estudo, Scherre (*ibidem*) destaca algumas observações quanto à ocorrência da concordância nominal de número:

- 1 – em todos os elementos do SN (*os nossos direitos, os meus pais; essas coisas todas*);
- 2 – em alguns de seus elementos (*essas coisas toda, do meus colegas; as condições financeira*);
- 3 – em apenas um de seus elementos (*as perna tem feita, aquelas empada bem grandinha, essas coisa toda*);
- 4 – em SNs sem nenhuma marca formal explícita de plural, exemplo: quando o primeiro elemento é um numeral cardinal (*sete salário mínimo*).

A maioria dos itens observados por Scherre foram também, como já foi discutido, observados e confirmados no presente trabalho. Porém, com relação ao item 4, analisaram-se 77 sintagmas em que quando o núcleo do sintagma é precedido por um numeral, a marcação do plural é mais incidente, com um índice de 57%. Isso acontece até mesmo nas falas de pessoas com escolaridade mais baixa, como é o caso dos relatos a seguir:

- “três vezes”, “dez horas”, “vinte e seis anos” e “uns oito meses” (Relato B1)
- “nove anos”, “dois anos”, “dezessete anos” e “sete filhos” (Relato B4)
- “cinco cursos”, “quatro anos” e “sete alunos” (Relato D1)
- “dois anos”, “três novilhas”, “setenta e dois quilômetros”, “seis meses” (Relato D2)

5 Conclusão

Conforme foi apresentado na introdução, o objetivo deste estudo foi avaliar como é feita a marcação de plural dos sintagmas nominais nos falantes da comunidade de fala de Patos de Minas e região. Sendo assim, fundamentou-se em três hipóteses, as quais foram confirmadas. A condição de o fator escolaridade influenciar na concordância nominal de número também foi confirmada, portanto quanto maior o nível de escolaridade, maior o uso do plural conforme dita a gramática normativa.

A primeira hipótese foi que a marcação do plural aconteceria em todos os elementos do sintagma nominal. Essa ocorrência foi considerada como uma fala mais padrão, já que atende às regras da gramática normativa. A segunda hipótese foi que essa marcação aconteceria em alguns elementos do sintagma nominal. E a terceira foi que o plural seria marcado em apenas um dos elementos do sintagma. Essas duas últimas ocorrências foram consideradas como uma fala menos padrão por serem variantes das regras da gramática normativa.

Pressupõe-se que o índice de falas menos padrão ocorresse em maior quantidade nos indivíduos com baixa escolaridade, como foi confirmado na discussão de resultados, devido à redundância da marcação do plural que exige a regra gramatical normativa. O falante está preocupado com uma comunicação eficaz, rápida e instantânea, assim, mesmo que ele tenha ciência da norma padrão, a obediência a ela costuma ser menos rígida.

Em contrapartida à ideia de Scherre (1996, *apud* MIRANDA, 2013), confirma-se que quando o núcleo do sintagma é precedido por um numeral, há uma maior incidência (57%) da marcação do plural. Pode-se dizer que isso ocorre devido à necessidade de a marcação acontecer de forma mais explícita, com a marca do “s” em algum elemento do sintagma, já que a indicação do plural do numeral não acontece por meio do acréscimo da letra indicadora de plural “s”.

De acordo com as informações apresentadas durante a pesquisa, pode-se concluir que a língua é uma estrutura maleável e inacabada, que aceita variações provenientes de diversos fatores extralinguísticos, e está, assim, sujeita a constantes mudanças. E, em conformidade com o objetivo deste trabalho, foi observado como a concordância nominal de número atua de fato dentro da comunidade de fala analisada e foi possível perceber como o falante é eficaz quando se trata de efetivar a língua e consumir a comunicação.

Em pesquisas futuras, pretende-se observar uma maior quantidade de relatos, analisando os sintagmas nominais de acordo com outros fatores extralinguísticos que influenciam suas variantes, como sexo, região e grau de formalidade. Espera-se que as informações adquiridas neste breve estudo sejam significativas para a sociolinguística, na tentativa de minimizar o preconceito linguístico na sociedade brasileira.

Assim, tendo consciência das variações da Língua Portuguesa brasileira, é indispensável que a sociedade comece a considerar não a ideia de uma fala “certa” ou “errada”, e sim de fala adequada ou inadequada para cada situação, já que o importante é que haja comunicação e entendimento entre o falante e o ouvinte.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

CARVALHO, Raimunda Coelho de. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, Campinas, 1997.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MIRANDA, Lília Soares. A influência de variações linguísticas e sociais na ausência de concordância nominal no português falado no Brasil. *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_957.pdf>. Acesso em: 25/10/2014.

OLIVEIRA, Klebson; SANTOS, Verônica de Souza; SOLEDADE, Juliana. *Concordância nominal: cenas da variação em palcos do século XIX*. Scielo books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/48/pdf/lobo-9788523208882-09.pdf>. Acessado em 29/10/14.

SANTANA, Jan Carlos Dias de; SANTOS, Aline da Silva. *A pesquisa sociolinguística*. 2009. Disponível em: <www.uefs.br/ere2009/anais/alinesantos_jansantana.doc>. Acesso em 29/10/2014.

SILVA, Edila Vianna da (UFF E ABRAFIL). *A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/049.pdf>>. Acesso em: 29/10/14.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

VIOTTI, Evani de Carvalho. *Introdução aos estudos linguísticos*. Florianópolis: [s.e], 2008.